

XXX

FREI JOÃO

Abre-me a porta, morena,
Abre-me a porta, minha alma.

Como te hei de abrir a porta,
Meu frei João da minha alma,
Se tenho meu filho aos peitos
E meu marido a fhangá.

Estando nestas razões
Seu marido que acordava.

O que é isso, mulher minha,
A quem dais as vossas falas?
Dou á filha da forneira
Que vem ver se eu amassava
Se amassasse pão de leite
Que lhe não deitasse água
Se amassasse pão de ló
Qualquer pinga lhe bastava.

Levanta-te, mulher minha.
Levante-te a amassar;
Mulher que tem casa e vida
Tem sempre que governar;
As duas filhas que temos
Ambas já a levantar
Uma que vá buscar água
Outra que vá enfornar.

Levanta-te, homem meu,
Vai fazer uma cascada
Que não ha melhor coelho
Que o coelho da mandrugada

O marido que saía,
Ella logo se enfeitava,
Com vestido de côr viva
Que no corpo lhe brilhava,
Com sapatos de setim
Que no chão mal tocava,
Com meiazinha de seda
Que na perna lhe estalava,
E com mantinha de rendas
Que o ventinho levantava;
Logo chega á portaria
Por frei João perguntava.

Frei João assim que a viu
Em vez de correr saltava,
Pega-lhe logo p'la mão
Para a cella a levava.
Dá-lhe fructas saborosas
Tigellas de marmelada
Deu-lhe ainda bellos doces,
Doces de que ella gostava.

— Vai-te embora moreninha
Que teu marido não tarda

Moreninha que saía
O marido que encontrava.

D'onde vindes, mulher minha,
Que vindes tão enfeitada?
— Venho de ouvir missa nova
Que me regalou est'alma.

— Confessa-te, mulher minha,
Que te vou tirar a vida
— Não tenho medo da morte
Que eu a morte a Deus mer'cia
Tenho pena de meus filhos,
Outra mais não na teria.

— Confessa-te já, mulher,
Faze acto de contricção,
P'ra não tornares a vir
A' cella do Frei João. (49)